

Desnutrição cai e cresce obesidade em jovens

SOCIEDADE

Mabel Feres/AE

Melhoria nas condições de atendimento médico e na situação da população de baixa renda explica parte do problema, segundo pesquisas; médicos tentam saber se a redução de um problema implica surgimento de outro

ANDRÉA PORTELLA
Especial para o Estado

Matheus Juan de Paula é um sobrevivente da desnutrição. Vivendo em uma favela da Vila Mariana, zona sul de São Paulo, aos 8 meses foi "desenganado" pelos médicos por causa de uma pneumonia, doença comum nos casos de carência nutricional. O menino teve ainda desidratação e catapora. Como ele, todos os anos são salvas centenas de crianças desnutridas que, há algumas décadas, não teriam chances de sobrevivência. Ao lado dessa novidade para o País, pesquisadores de São Paulo observaram o aumento da obesidade em adolescentes de baixa renda, mas ainda não sabem responder se a desnutrição e a obesidade estão relacionadas.

"Hoje temos recursos hospitalares melhores", explica o diretor-médico do Núcleo de Nutrição, Alimentação e Desenvolvimento Infantil (Nunadi) do Hospital Pérola Byington, Domingos Palma. "De certa forma, a condição social da população de baixa renda também melhorou." De fato, a desnutrição atravessa uma nova fase: mata menos e é cada vez mais estudada e conhecida pelos médicos.

Um trabalho realizado pelo Núcleo de Pesquisas Epidemiológicas em Nutrição e Saúde Pública da Universidade de São Paulo (Nupens/USP) mostra queda significativa. A desnutrição, no caso das crianças menores de 5 anos, caiu de 30,6% para 13,7% em dez anos, na cidade de São Paulo. Foram pesquisadas 1.280 crianças de 4 mil famílias do município.

Diminuição – Em todo o País foi observada uma queda no número de desnutridos. O último levantamento nacional, conhecido como Pesquisa Nacional de Saúde e Nutrição, feito em 1989, mostra diferenças em relação aos números de 1974. Na Região Nordeste houve redução de 19% nos registros de desnutrição entre crianças em fase de amamentação e pré-escolar. Nas Regiões Sul e Sudeste, a queda foi de 47%. No Norte e no Centro-Oeste, os números caíram 37%.

"Houve melhoria em diversos sentidos", acredita Palma. "Temos profissionais melhor preparados, equipamentos melhores e fórmulas alimentares mais eficientes." Em paralelo à queda da mortalidade infantil por desnutrição, profissionais da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) observaram o aumento da obesidade entre adolescentes de baixa renda. "Os estudos ainda são poucos", esclarece a coordenadora do trabalho, a fisiologista Ana Lydia Sawaya. "Mas há a chance de esses fatos estarem associados." Segundo ela, países como China e Rússia reali-

zaram pesquisas que apontam situações semelhantes.

Não é possível afirmar, por enquanto, que as crianças desnutridas estão sendo transformadas em adolescentes obesos. "A diferença é que antes essas crianças nem sequer sobreviviam", explica Ana Lydia. Se novos estudos indicarem que a hipótese é verdadeira, a novidade não será tão boa quanto pode parecer. "Estaremos apenas trocando de problema", diz. De acordo com Ana Lydia, também não é fácil tratar a obesidade. "Aumentam os casos de diabetes e doenças coronárias."

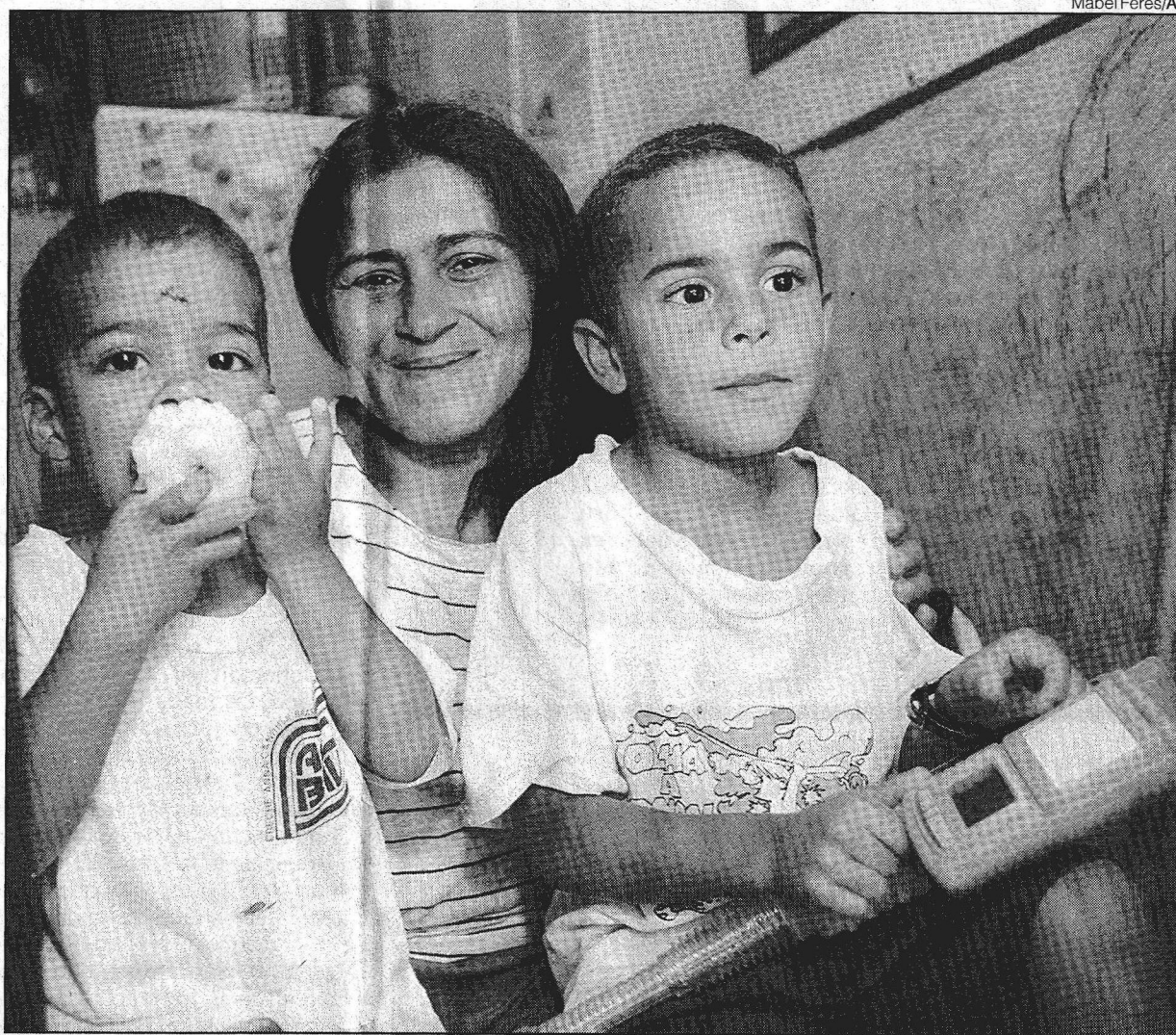
Gordura – O estudo da Unifesp, que resultou no livro *Desnutrição Urbana no Brasil em um Período de Transição*, traz outras duas explicações para o fenômeno observado na pesquisa feita entre 1990 e 1995 com famílias de favelas da Vila Mariana. A obesidade entre adolescentes de baixa renda poderia ser explicada também por uma predisposição genética dessa população ou por um aumento do percentual de gordura na alimentação.

Uma pesquisa realizada pelo Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (Inan) mos-

trou que produtos mais gordurosos fazem cada vez mais parte da dieta das classes mais baixas. No ano passado, o consumo de refrigerante, por exemplo, cresceu 45% entre as classes D e E. A compra de leite condensado, outro campeão em gordura, aumentou 12%.

Para a professora de pediatria da Universidade Federal do Maranhão Feliciano Santos Píndaro, há outros fatores que precisam ser observados. "É preciso considerar itens como a diminuição da atividade física", acredita a médica. "O aumento do estresse pela falta de emprego, por exemplo, também poderia aumentar a ansiedade e, consequentemente, o consumo de alimentos." Outro trabalho recente, realizado pelo Nunadi, evidenciou um aspecto já conhecido da desnutrição, mas pouco utilizado nos tratamentos, que habitualmente fica centrado no fornecimento de comida. A pesquisa, feita em São Paulo e Salvador (BA), mostra que mais de 80% das mães de crianças subnutridas não sofrem do mesmo problema, o que mostraria que não faltam alimentos às famílias de baixa renda.

O problema, segundo o coordenador da pesquisa, professor Fernando José de Nobrega, é a falta de vínculo entre mãe e filho. "Não se resolve o problema da desnutrição dando comida", explica. "Não falta alimento, falta carinho." A solução, segundo o pediatra, seria fortalecer o relacionamento e ensinar a mãe a cuidar da criança. "Algumas mães não sabem sequer cantar para os filhos."



Francisca Conceição com os filhos: "Tenho procurado dar comida e remédios na hora certa"

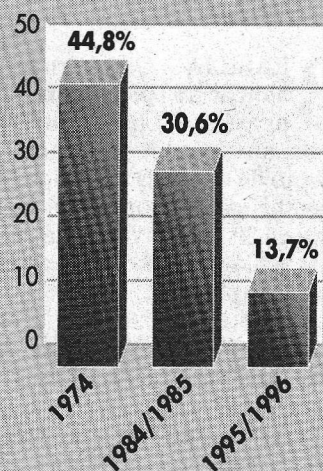
Robson Fernandes/AE



Lea e a filha Ruth: apesar de diagnóstico anterior, atendimento inadequado em posto do Estado

QUEDA LIVRE

Pesquisas mostram que percentual de desnutridos caiu em São Paulo nas duas últimas décadas



Fonte: Núcleo de Pesquisa Epidemiológicas em Nutrição e Saúde Pública da Universidade de São Paulo (Nupens/USP)

ArtEstado